

BEM-VINDO À INTRUSA NECESSÁRIA! O SIGNIFICADO CRISTÃO DA MORTE

Marcos André Nascimento Silva

Doutor em Teologia Dogmática pela *Universidade Católica Stefan Wyszyński* em Varsóvia

E-mail: marcosandre3105@gmail.com

Resumo: *A fé cristã, de modo ímpar, ilumina a inexorabilidade da morte humana. O maior drama da história da humanidade, o qual evoca o valor das decisões tomadas e os atos realizados pelo ser humano, à luz de Jesus Cristo, o Homem Novo, adquire a certeza de ser uma passagem para uma vida sem fim. Neste artigo, adotaremos como ponto de referência a teologia das encíclicas de São João Paulo II, o qual reflete sobre a morte tendo como fundamento a verdade oriunda do Evangelho e a Vida em plenitude dele resultante.*

Palavras-chave: *Vida. Morte. Comunhão. Esperança.*

Summary: *The christian faith uniquely gets light to the inevitability of the human death. The biggest drama of the human history, which demands the real value of taken decisions and realized acts of the human being, under the light of Jesus Christ, the New Man, receives the assurance of life without end. In this article we will take as reference the theology in the encyclicals of Saint John Paul II, which reflects about death according to the truth of the Gospel and the certainty of Life in fullness from him.*

Keywords: *Life. Death. Communion. Hope.*

Resumen: *La fe cristiana, de manera singular, arroja luz sobre la inexorabilidad de la muerte humana. El mayor drama de la historia de la humanidad, que evoca el valor de las decisiones y acciones realizadas por los seres humanos, a la luz de Jesucristo, el Hombre Nuevo, adquiere la certeza de ser un pasaje hacia una vida sin fin. En este artículo, tomaremos*

como punto de referencia la teología de las encíclicas de San Juan Pablo II, que reflexiona sobre la muerte a partir de la verdad derivada del Evangelio y la resultante Vida en plenitud.

Palabras clave: *Vida. Muerte. Comunión. Esperanza.*

Sommario: *La fede cristiana in modo unico illumina l'inesorabilità della morte umana. Il dramma più grande della storia dell'umanità –il quale evoca il valore delle scelte prese e degli atti realizzati dall'uomo– alla luce di Gesù Cristo, l'Uomo Nuovo, acquista la certezza di essere un passaggio verso la vita senza fine. In questo articolo adotteremo come punto di riferimento la teologia delle encicliche di Giovanni Paolo II, il quale riflette sulla morte basato sulla verità proveniente del Vangelo e a Vita in pienezza che ne deriva.*

Parole chiavi: *Vita. Morte. Comunione. Speranza.*

Résumé: *La foi chrétienne d'une unique manière éclaire l'inexorable de la mort humaine. Le plus grand drame de l'histoire humaine, qui évoque la valeur des décisions prises et des actions accomplies par les êtres humains, à la lumière de Jésus-Christ, le Nouvel Homme, acquiert la certitude d'être un passage vers une vie sans fin. Dans cet article, nous adopterons comme point de référence la théologie des encycliques de Saint Jean-Paul II, qui réfléchit sur la mort à partir de la vérité tirée de l'Évangile et de la Vie dans sa plénitude qui en découle.*

Mots-clés: *Vie. Mort. Communion. Espoir.*

INTRODUÇÃO

Uma breve reflexão acerca da morte como algo inevitável e o fundamental significado a ela atribuído pelo Cristianismo à luz do ensinamento da teologia pós-Concílio Vaticano II são o objeto central do presente artigo, ao qual colocamos um valor ímpar referente ao momento de pós-modernidade¹, caracterizada há décadas pela dessacralização, descristianização e crise de fé. Esses fenômenos foram potencializados nos últimos anos em decorrência da pandemia de Sars Covid-19 e, nos últimos meses, pelo contexto de guerra no Leste Europeu.

Não é, pois, nossa intenção adentrar as causas e características dos fenômenos socioculturais acima citados – aos quais necessariamente deve também estar atento o pensamento teológico –, mas sim à luz da fé católica impulsionada pela abertura do *Vaticanum II* nos determos numa reflexão primordial acerca de três aspectos: a inexorabilidade da morte, o significado a ela atribuído pelo Cristianismo e a esperança da Vida Eterna oriunda do Batismo. Acreditamos que sob esses aspectos, desconsiderados pela cultura ocidental hodierna, encontram-se latentes alguns questionamentos fundamentais: quem somos, de onde viemos e aonde vamos². O fato é que “nesta ininterrupta busca o interrogativo de fundo é sempre o mesmo: o que é o homem?”³.

É verdade que para o cristão é uma necessidade e um dever lutar contra o mal através de muitas tribulações, e sofrer a morte; mas, associado ao mistério pascal, e configurado à morte de Cristo, vai ao encontro da ressurreição, fortalecido pela esperança. E o que fica dito, vale não só dos cristãos, mas de todos os homens

¹ Referimo-nos ao termo *pós-modernidade* conforme a definição apresentada por São João Paulo II, apontando o surgimento dum “conjunto de fatores novos, que, pela sua extensão e eficácia, se revelaram capazes de determinar mudanças significativas e duradouras”, as quais, por refletirem concretas correntes de pensamento, em seus enunciados de mais ampla natureza, merecem adequada atenção. Segundo algumas delas, por exemplo, o tempo das certezas teria irremediavelmente passado e o homem deveria finalmente aprender a viver num horizonte de ausência total de sentido, sob o signo do provisório e do efêmero. Por isso, além dos fenômenos acima citados poderíamos acrescentar o nihilismo e o otimismo racionalista. Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et ratio*, 91.

² Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Veritatis splendor*, 30; *Carta Encíclica Fides et ratio*, 1 e 105.

³ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *O que é o homem?* Brasília: CNBB, 2022, p. 17.

*de boa vontade, em cujos corações a graça opera ocultamente*⁴.

Juntamente a São João Paulo II, homem do Concílio Vaticano II⁵, cujo ensinamento magisterial é um exemplo claro da riqueza teológica pós-conciliar, consideramos que podemos alcançar uma maior consciência do mistério de Cristo e, n'Ele, a descoberta dum sentido pleno e perene de nossa vida com seus desafios e, assim, adquirir um significado ímpar da morte. O homem, graças a Cristo, experimenta alegrias, enxerga os sinais do Amor de Deus, percebe sua dignidade ímpar de valor transcendental e o real valor de sua existência aqui na vida presente⁶.

A contribuição de S. João Paulo II à temática que abordaremos é extremamente vasta e seria um erro evidente a presunção de exauri-la em algumas páginas. Cabe-nos ainda ressaltar que o 264º sucessor de São Pedro – último Pontífice a participar diretamente do Concílio Vaticano II – atuou em seu ministério petrino conforme as premissas inspiradas pelo Espírito Santo no Concílio, a saber, despertar a autoconsciência da Igreja, reavivar incessantemente a fé, ajudar na sua renovação interna e, a partir daí, dar um novo impulso missionário ao anúncio do Evangelho e da salvação⁷. O valor, pois, do ensinamento do Pontífice originário de Wadowice é muito maior considerando o que o seu próximo colaborador de décadas, Cardeal Joseph Ratzinger, afirmara aos 20 anos do término do Concílio.

(...) cada Concílio dever ser seguido por uma onda de santidade, para dar realmente fruto. Assim foi após Trento, que, justamente por isso, atingiu sua finalidade de verdadeira reforma. A salvação para a Igreja vem do seu interior, mas não está dito de modo algum que ela venha dos decretos da hierarquia. Dependerá de todos os católicos, chamados a dar-lhes vida, se o Vaticano

⁴ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et spes*, 22.

⁵ Cf. SKRZYPCZAK R. *Karol Wojtyła na Soborze Watykańskim II*. Varsóvia: Centrum Myśli Jana Pawła II, 2011, p. 14.

⁶ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptor hominis*, 11; cf. *Carta Encíclica Dominum et vivificantem*, 43; cf. também *Carta Encíclica Redemptoris missio*, 1.

⁷ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Slavorum apostoli*, 16; cf. também *Carta Encíclica Dominum et vivificantem*, 2.

Il e suas conquistas serão considerados um período luminoso para a história da Igreja. Como João Paulo II tem repetido frequentemente: 'A Igreja de hoje não precisa de novos reformadores. Ela tem necessidade de novos santos'⁸.

1. A INEXORABILIDADE DA MORTE E O QUESTIONAMENTO EM TORNO DELA

Rememoramos acima o fragmento do ensinamento conciliar acerca do aspecto universal da morte. De fato, a observação comum da história das civilizações aponta a um fato incontestável: todos morrem, desde crianças em fase gestacional até idosos: *a primeira verdade absolutamente certa da nossa existência, para além do fato de existirmos, é a inevitabilidade da morte*⁹. Mas o que acontece que se fala tão pouco desse acontecimento? Quão fortemente admirados ficamos ainda hoje e, não poucas vezes, escandalizados da morte, se já sabemos que ela mais cedo ou mais tarde nos encontrará? Diante disso, faz-se mister alusão a esta dimensão dramática da morte. Consideramos que é justamente a morte o acontecimento que evoca uma definição última a tudo aquilo que o ser humano realiza: a morte coroa o tempo da vida presente, relativiza e questiona, em todos os aspectos, o ser humano, o qual, por própria natureza, é um ser que carrega em si um desejo único de plenitude¹⁰.

Visto que a certeza da morte põe o homem diante do valor único de sua vida com todas as decisões tomadas e atos realizados, aparece o que podemos chamar de "dimensão existencial da morte", pois ela se define também como algo que acompanha o ser humano em toda a sua existência: a certeza da morte aliada a tudo que condiciona a existência do ser humano

⁸ RATZINGER, J. MESSORI, V. *Relatório sobre a fé*. Tubarão: Editora Escola Ratzinger, 2021, p. 81. Bento XVI afirmou que os longos anos de trabalho conjunto com São João Paulo II deixaram clara sua santidade de vida. Cf. BENTO XVI. "Stawato się dla mnie coraz bardziej oczywiste, że Jan Paweł II był świętym", em: NIEZAPOMNIANY, JAN PAWEŁ II WE WSPOMNIENIACH PRZYJACIÓŁ I WSPÓŁPRACOWNIKÓW. Cracóvia: Dom Rodzinny Jana Pawła II, 2015, p. 20-21.

⁹ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et ratio*, 26.

¹⁰ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1021.

– por isso mesmo cada sofrimento e limitação relembram de certa forma que o homem caminha para um fim – coloca-o diante de sua realidade de mutabilidade e limitação¹¹. A morte é, pois, como dizia Chesterton, “um mistério terrível e alarmante, e uma ameaça a qual somente os tolos poderiam ficar indiferentes”¹².

O homem encara a morte como um dilema único, pois, ao mesmo tempo em que o acompanha a certeza dum fim inevitável, sua reação é a de não aceitação da morte em seus mais diversos aspectos: de certa forma, não seria exagero algum afirmar que o homem vive marcado pela rejeição do que é inevitável. Entende-se isso perfeitamente ao considerarmos que o homem, “feito à imagem e semelhança do mesmo Deus no universo visível e nele estabelecido para que dominasse a terra”¹³, foi criado para a vida e, por isso, considera a morte uma *intrusa*, tal qual afirmava Hans Urs Balthasar¹⁴. De outro lado, o homem é um ser que por natureza termina sua vida presente sem haver completado e realizado sua existência, de tal forma que, para muitas pessoas, até o último momento de sua vida presente parece que ainda lhes falta algo a fazer e o tempo necessário para tal. Assim foi com uma paroquiana de Varsóvia, professora que, nos seus 104 anos de idade, dizia ainda ter muito que realizar nesta vida, e não em outra! Acompanha-nos, assim, a consciência de não experimentarmos a plenitude da vida.

Ao ser humano, e tão somente a ele, foi conferida *uma dignidade sublime*, que tem as suas raízes na ligação íntima que o une ao seu Criador: no homem, brilha um reflexo da própria realidade de Deus¹⁵. O ensinamento pastoral do Concílio Vaticano II, o qual considera as alegrias e esperanças, as tristezas e angústias da vida presente, nos serve de ajuda para refletirmos sobre a morte e tudo o que dela surge justamente num contexto existencial,

¹¹ Cf. BURGOS, J. M. *Antropología: una guía para la existencia*. Madrid: Palabra, 2008, p. 355.

¹² CHESTERTON, G. K. *Quando eu morrer: a vida após a morte*, em: *Communio*, Vol. XXVIII, nr 3. Rio de Janeiro: Communio 2009, p. 673.

¹³ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Laborem exercens*, 1.

¹⁴ Cf. BALTHASAR H. U. *Escatologia nel nostro tempo*. Brescia: Queriniana, 2005, p. 09-10.

¹⁵ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Evangelium vitae*, 34.

no qual o homem é chamado a abraçar totalmente a sua própria vida, evidenciando qual a sua natureza de *capax Dei* e sua vocação à eternidade.

É em face da morte que o enigma da condição humana mais se adensa. Não é só a dor e a progressiva dissolução do corpo que atormentam o homem, mas também, e ainda mais, o temor de que tudo acabe para sempre. Mas a intuição do próprio coração fá-lo acertar, quando o leva a aborrecer e a recusar a ruína total e o desaparecimento definitivo da sua pessoa. O germe de eternidade que nele existe, irredutível à pura matéria, insurge-se contra a morte¹⁶.

À luz disso, esforçar-se pela vida humana por si mesmo necessariamente significa também considerar e enfrentar a realidade da morte, “pois a vida está determinada de modo central pela morte”¹⁷. Por mais estranho que possa parecer ao homem moderno, a vida em si já carrega consigo mesma uma contradição, ou seja, a consciência da vida que conduz à morte. Não necessariamente referimo-nos aqui ao desejo de dar um fim à própria existência – cada vez mais frequente em meio a tantas debilidades de saúde mental percebidas hoje –, e sim aludimos à evidência da mortalidade que acompanha tudo o que é humano. Na expressão de Claude Bernard, “la vie c’est la mort”, citada por Joseph Ratzinger em *Dogma e Anúncio*, encontramos um suprassumo do enunciado que a morte é imanente à vida, visto que nos deparamos com um processo de vida como tal elucidada pela própria morte que a penetra: compreender a vida humana significa compreender a morte¹⁸.

As próprias Sagradas Escrituras, em diversos momentos, desde o relato da criação perpassando pelos escritos sapienciais, os ensinamentos dos profetas e a teologia contida nos salmos, apontam a magnanimidade e a caducidade da vida humana. O homem, ápice das criaturas, o único criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26-27), é apresentado sob os aspectos

¹⁶ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*,18.

¹⁷ RATZINGER, J. *Dogma e anúncio*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 239.

¹⁸ Cf. RATZINGER, J. *Dogma e anúncio*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 239-240.

de sua grandeza ímpar e, ao mesmo tempo, finitude inquestionável, ligado ao pó e à terra, frágil e ameaçado de morte. O homem, pela sua própria natureza, é o senhor do Éden (Gn 2,9.15)¹⁹, mas também pó, débil e efêmero, visto que da terra provém e a ela necessariamente voltará (Gn 2,7; 3,19; Gn 6,3; Is 40,6; Jr 17,5; Sl 56,5; Sr 14,17-18) e, por essa razão, deve se confrontar com a morte: não faltam testemunhos disso nas Escrituras²⁰!

Poderíamos sublinhar a finitude do ser humano apresentada nas Sagradas Escrituras com uma premissa fundamental, a saber, “o homem não é Deus, nem nunca será”. O homem é um ser histórico e como todas as criaturas tem um início; este elemento é o primeiro sinal do que chamamos historicidade, compreendida justamente como finitude, ou seja, a dimensão que o diferencia essencialmente do Criador, isto é, do Ser que não tem princípio nem fim (Is 41,4; 44,6; Sl 90,2; Sr 42,21)²¹.

Assim, Antigo Testamento (e com ele o Novo Testamento) conhece o abalo humano causado pelo fenômeno da morte, porque concebe o homem realisticamente como um todo, e a morte como a ruína do ser humano. Ele até ainda aprofunda esse terror, concebendo a morte como julgamento, embora a isso, de outro lado, já esteja unida certa luz. (...) a morte não é só fatalidade da natureza, mas a sua existência depende de uma decisão espiritual, de uma vontade livre e soberana²².

¹⁹ S. João Paulo II afirma que não se pode perder a referência à natureza corporal e espiritual do homem como fundamento de toda a sua dignidade. Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Sollicitudo rei socialis*, 29.

²⁰ De maneira única para esse propósito servir-nos-ia debruçar nossa reflexão sobre o Livro de Jó, no qual a teologia veterotestamentária apresenta a vida do homem confrontada com a necessidade de se encontrar um sentido ao sofrimento que acompanha a vida do justo. Sem fornecer dados espaço-temporais, o relato bíblico apresenta Jó como personagem paradigmático com o qual cada um poderia se reconhecer, uma vez que a vida humana é marcada pelo transitório e pela dor, como também pela morte. Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *O que é o homem?* Brasília: CNBB, 2022, p. 32.

²¹ *Ibidem*, p. 221.

²² RATZINGER, J. *Dogma e anúncio*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 244.

2. SIGNIFICADO CRISTÃO DA MORTE

A realidade da inexorabilidade da morte impressa no AT é apresentada no NT à luz do Mistério Pascal do Filho de Deus, conferindo-lhe uma nova característica. Assim, sem negar o caráter físico e aterrador da morte, o ensinamento neotestamentário acrescenta que esta dramaticidade se funda num julgamento de Deus, cuja compreensão nos é facultada pela fé em Cristo e por Cristo, no sentido de que se origina algo novo desde a destruição do antigo, de tal modo que precisamente o dever morrer que o homem deve suportar é o verdadeiro começo de algo novo e imutável. São Paulo, por exemplo, continua a concepção herdada pela Lei e Profetas que apresenta a morte como o último inimigo (cf. 1Cor 15,26) que é absorvido no triunfo de Cristo (1Cor 15,55) e cujo aguilhão é justamente o pecado²³.

São João Paulo II, seguindo o ensinamento magisterial do Concílio Vaticano II desenvolve sua reflexão antropológica, evidenciano o rico conteúdo bíblico-patristico sob uma chave hermenêutica que consideramos imprescindível hoje na teologia: Cristo o Homem Novo que revela ao homem quem ele é.

Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime.

E assim, por Cristo e em Cristo, esclarece-se o enigma da dor e da morte, o qual, fora do Seu Evangelho, nos esmaga. Cristo ressuscitou, destruindo a morte com a própria morte, e deu-nos a vida, para que, tornados filhos no Filho, exclamemos no Espírito: Abba, Pai²⁴.

²³ Cf. Ibidem, p. 245-246. O Concílio Vaticano II nos ensina que Jesus Cristo "com toda a presença e manifestação da sua pessoa, com palavras e obras, sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e gloriosa ressurreição, enfim, com o envio do Espírito de verdade, completa totalmente e confirma com o testemunho divino a revelação, a saber, que Deus está conosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte e para nos ressuscitar para a vida eterna". CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei verbum*, 4.

²⁴ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et spes*, 22

Assim, o ser humano “vê-se contestado pela experiência dilacerante da morte que entra no mundo, lançando o espectro da falta de sentido sobre toda a existência do homem”²⁵. É Cristo quem dissipa a crueldade da morte e a sua violência contra o instinto mais básico presente em todo ser vivo – racional ou não – de preservação da própria vida e de salvaguardar a própria corporeidade²⁶.

Precisamente é Jesus Cristo, o Redentor do homem que “revela plenamente o homem ao próprio homem”²⁷ e demonstra o amor ímpar de Deus. O ser humano não consegue viver sem amor, sua vida permanece sem sentido se ele não se encontra com o amor, não o experimenta e não faz justamente do amor algo próprio seu, de modo a participar vivamente dele. Sendo assim, a fé cristã nos aponta que toda a vida humana é iluminada pela “dimensão humana do mistério da redenção” – como afirmava São João Paulo II –, que, por sua vez, permite ao homem encontrar sua grandeza, dignidade, valor de toda sua existência e, por isso mesmo, da morte²⁸.

Em Cristo, a morte e todas as outras situações dramáticas que elucidam a existência do homem são transformadas em seu significado²⁹. A fé cristã baseada na certeza da Vida Eterna garantida por Cristo redimensiona a vida humana, evidenciando o seu caráter transcendental e submentendo a este toda a realidade presente. Assim, a vida presente em suas diversas dimensões

²⁵ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Evangelium vitae*, 7.

²⁶ Cf. MONDIN B. *Morte*, em: DIZIONARIO ENCICLOPEDICO DEL PENSIERO DI SAN TOMMASO D'AQUINO. Bologna, Studio Domenicano, 2000, p. 453.

²⁷ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptor hominis*, 10.

²⁸ Cf. *Ibidem*.

²⁹ Joseph Ratzinger identifica na vida humana uma *asserção ética* relacionada ao fenômeno da morte. Afirma: “todas essas catástrofes, que juntas constituem a nossa morte única não são, portanto, apenas acasos e contatemos cegos, mas, em última análise, são ações de Deus em nós, pelas quais nos livra da nossa existência egoísta, interesseira e de amor próprio, para nos transformar segundo a sua imagem. Isso significa praticamente que a morte, como um movimento que molda o ser humano também pelo homem mesmo, não poder ser considerada algo apenas bilógico ou externo, devendo ser apropriada espiritual e humanamente, para chegar à fecundidade que esse acontecimento pode e dever ter em nós. Portanto, para o homem, tudo depende de que seja acolhido bem na sua vida o movimento da morte, a começar de uma pequena humilhação até as grandes catástrofes (relacionadas com a saúde corporal ou espiritual: a morte de homens amados é uma parte da própria morte, etc.)”. RATZINGER, J. *Dogma e anúncio*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 246.

(familiar, laboral³⁰, social, afetiva, etc.) constitui a passagem para a vida em plenitude e, assim, adquire um valor único³¹. Como afirma o Catecismo da Igreja Católica “o cristão, que une a sua própria morte à de Jesus, encara a morte como chegada até junto d’Ele, como entrada na vida eterna”³².

Se de um lado a morte consiste numa consequência natural oriunda da própria constituição psicofísica do ser humano, composta de alma espiritual imortal e corpo sujeito às leis da criação – e, portanto, à própria morte –, de outro lado, a dramaticidade da morte é ímpar devido ao pecado original. Para Santo Tomás de Aquino estava claro que Deus, no ato criador, suplantou a precariedade da condição natural com uma graça especial, o dom da justiça original. Por causa do pecado, o homem perdeu esse dom e vivencia a morte como uma tragédia. Assim, é graças à vitória de Cristo sobre a morte que o homem possui uma garantia única e maravilhosa de antecipação do triunfo que ocorrerá no final dos tempos, o da ressurreição da carne³³.

A fé cristã, desse modo, ilumina o sentido do sofrimento, do qual todos – cristãos e não cristãos – fazemos parte: a perspectiva da morte, de certo modo, angustia o cristão, assim também angustiou o próprio Cristo (cf. Mt 26,37s; Jo 12,27; 13,21). No entanto, a certeza da ação de Deus num processo histórico e, por assim dizer, numa caminhada, faz o homem entender, à luz da Virgem Maria, que estamos todos inseridos numa história dos homens, sujeitos nesta Terra à condição transitória e situados nas dimensões históricas³⁴.

A Vida Eterna garantida pela Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo faz ver que o sofrimento humano já foi assumido por Deus em Cristo, o que

³⁰ São João Paulo II enxergava na fadiga uma “dimensão essencial do trabalho humano”, na qual a espiritualidade fundada no Evangelho penetra profundamente. Afirmava que “todo o trabalho, seja ele manual ou intelectual, anda inevitavelmente unido a fadiga”. Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Laborem Exercens*, 27.

³¹ “A fé cristã é também, sobretudo, uma opção pelo ser humano como ser irredutível relacionado com o infinito”. RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 118.

³² CCE 1020.

³³ Cf. MONDIN B. *Morte*, em: DIZIONARIO ENCICLOPEDICO DEL PENSIERO DI SAN TOMMASO D’AQUINO. Bologna, Studio Domenicano, 2000, p. 454-455.

³⁴ A Virgem Maria é o exemplo mais excelso desta dinâmica do que S. João Paulo II denominou “peregrinação da fé”. A excepcional peregrinação da fé de Maria de Nazaré representa um ponto único de referência para toda a Igreja: a Mãe de Deus já é a realização escatológica da Igreja. Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris mater*, 6.

dá um valor salvífico, santificante e corredentor. O caráter unitivo ao Filho de Deus impulsiona a Igreja a reconhecer como tarefa fundamental – afirmava S. João Paulo II – fazer com que “cada homem possa encontrar Cristo, a fim de que Cristo possa percorrer juntamente com cada homem o caminho da vida”³⁵. A teologia da cruz faz ver que o cristão se une à missão soteriológica que Cristo exerce através de Seu Corpo Místico, que é a Igreja (cf. Cl 1,24).

A morte e a vida como um todo possuem para o cristão a certeza de que Cristo é a “Boa Nova e de valor eterno” (Ap 14,6), sendo “o mesmo ontem, hoje e pelos séculos” (Heb 13, 8)³⁶. Nessa perspectiva, as perguntas mais básicas e existenciais³⁷ recebem na morte e no significado cristão a ela atribuído uma resposta concreta: a morte, muito mais do que qualquer outra coisa, evidencia as questões mais decisivas da vida humana³⁸, lembra ao homem que ele passa³⁹ e caminha para o fim desta vida presente, conferindo-lhe um valor transcendental. Portanto, o cristão não busca a dor, mas sabe que sem sofrimento a vida não pode alcançar a sua plenitude⁴⁰. Como afirmava São Paulo, “com efeito, os sofrimentos do tempo presente não têm proporção como a glória que deverá revelar-se em nós” (Rm 8,14).

Diante das novas possibilidades adquiridas pelo homem de evitar a dor (avanços da medicina, da psicologia, pedagogia, o intuito de edificar uma sociedade nova, etc.), justamente a fuga da dor se associa não raras vezes a uma tentativa de se alcançar uma total libertação da humanidade: certamente o esforço humano como um todo pode e deve contribuir para o bem da humanidade; em contrapartida, a vontade de abolir a dor a todo custo seria o equivalente a desprezar o amor e, nesse contexto, levaria à depreciação do próprio homem⁴¹.

³⁵ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptor hominis*, 12.

³⁶ FRANCISCO. *Exortação Evangelii gaudium*, 11.

³⁷ Cf. CCE 282.

³⁸ Cf. BALTHASAR H. Urs, *Escatologia nel nostro tempo*. Brescia: Queriniana, 2005, p. 10.

³⁹ Especialmente a enfermidade e o sofrimento. Cf. CCE 1500-1501.

⁴⁰ Cf. RATZINGER, Joseph. *Escatologia, morte e vita eterna*. Assis: Cittadella, 2007, p. 108.

⁴¹ RATZINGER, Joseph. *Escatologia, morte e vita eterna*. Assis: Cittadella, 2007, p. 109.

A morte cristãmente concebida, portanto, não é o fim desesperador da pessoa humana, que inevitavelmente se aniquila em momento desconhecido, e sim a passagem desta vida presente para um futuro que consiste na realidade absoluta e eterna de Deus Pai, que, em Seu Filho, venceu de maneira definitiva a morte e redimensiona a dor e o sofrimento. Como resume Bento XVI na Encíclica *Spe salvi*, o tempo presente é iluminado pelo Evangelho, que, por sua vez, muda de maneira única a história da humanidade por meio da esperança numa vida sem fim.

Aparece aqui também como elemento distintivo dos cristãos o fato de estes terem um futuro: não é que conheçam em detalhe o que os espera, mas sabem em termos gerais que a sua vida não acaba no vazio. Somente quando o futuro é certo como realidade positiva, é que se torna vivível também o presente. Sendo assim, podemos agora dizer: o Cristianismo não era apenas uma 'boa nova', ou seja, uma comunicação de conteúdos até então ignorados. Em linguagem actual, dir-se-ia: a mensagem cristã não era só 'informativa', mas 'performativa'. Significa isto que o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera fatos e muda a vida⁴².

A crise do mundo ocidental é devida também a uma filosofia e educação que desejariam libertar o homem ignorando a cruz e, portanto, a verdade sobre a sua existência⁴³. Tudo isso se agrava pelas consequências da cegueira⁴⁴, do relativismo ético, que caracteriza grande parte da cultura contemporânea, flácida e inconsistente⁴⁵, a qual não vê qualquer significado nem valor no sofrimento, antes considera-o como o mal por excelência, que necessariamente deveria ser eliminado a todo

⁴² BENTO XVI. *Carta Encíclica Spe salvi*, 2.

⁴³ *Ibidem*.

⁴⁴ Cf. SKRZYPCZAK R. *Nie umrzeć za życia*. Cracóvia: Dom Wydawniczy "Rafael", 2021, p. 56.

⁴⁵ Cf. SKRZYPCZAK R. *Wiara i seks Jan Paweł II o małżeństwie i rodzinie*. Cracóvia: Wydawnictwo AA, 2015, p. 120-121.

o custo⁴⁶. Deparamo-nos com uma verdadeira cultura da morte, à qual somente o anúncio da Cruz Cristo e de Sua Vitória podem ressoar com uma resposta satisfatória.

3. ESPERANÇA DA VIDA ETERNA ORIUNDA DO BATISMO

A fém em Cristo consiste também numa proposta cheia de esperança à liberdade do homem: Deus mesmo é quem oferece esta novidade de vida⁴⁷, valorizada de maneira plena pela aceitação da verdade⁴⁸. Na liberdade dos filhos de Deus, o movimento da morte e a sua adequação espiritual se realizam através da aceitação e apropriação do batismo: “fomos batizados na morte de Cristo” (Rm 6,3). O Batismo, pois, significa a união da morte humana com a morte de Cristo, a participação da Morte e Ressurreição de Cristo, a transformação de valor recebida pela morte de Cristo; em outras palavras, a nossa morte recebe o valor de um processo de nascimento que o homem mesmo é incapaz de dar.

Como morte sacramental com Cristo, ela é na antecipação de algo real: toda a nossa morte, que como o processus mortis in vitam molda e atravessa toda a nossa vida, já não é mais só a nossa própria morte, mas, em virtude e por causa do Batismo, é ação divina da graça; nascimento do novo Adão, ressurreição iniciada. Assim, todo o nosso morrer é um acontecimento de agraciação: metamorfose da nossa existência no novo Adão... Daí que a nossa morte corporal definitiva, em última análise, não seja outra coisa senão o chegar ao fim do nosso batismo⁴⁹.

⁴⁶ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Evangelium vitae*, 15 e 70. Na encíclica *Ut unum sint*, encontramos um resumo desta cultura da seguinte forma: “A Cruz! A corrente anticristã propõe-se dissipar o seu valor, esvaziá-la do seu significado, negando que o homem possa encontrar nela as raízes da sua nova vida e alegando que a Cruz não consegue nutrir perspectivas nem esperanças: o homem – dizem – é um ser meramente terreno, que deve viver como se Deus não existisse”. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Ut unum sint*, 1.

⁴⁷ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris missio*, 7.

⁴⁸ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Centesimus annus*, 46.

⁴⁹ RATZINGER, J. *Dogma e anúncio*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 247.

O que anunciamos, dessa maneira, é a certeza de que a morte adquire um sentido positivo graças à comunhão entre o homem e o seu Redentor, Jesus Cristo, que é o “centro do cosmos e da história”⁵⁰. A novidade, de fato, essencial e sempre nova, consiste em que pelo Batismo o cristão já está sacramentalmente “morto com Cristo” para viver, segundo o Evangelho, uma vida nova: se morrermos na graça de Jesus Cristo, a morte física nada mais é do que a consumação deste “morrer com Cristo”, o qual completa nossa incorporação a Ele em seu ato redentor⁵¹. A questão é que em um mundo onde largamente o ceticismo contagiou até mesmo muitos que se consideram crentes, a Igreja “anuncia a mensagem de salvação aos que ainda não têm fé”⁵² e aparece como um real escândalo “a convicção da Igreja de que existe uma Verdade com maiúscula, e que essa verdade seja conhecível, exprimível e, dentro de certos limites, definível de modo preciso”⁵³.

Portanto, faz-se mister, hoje, que tratemos a morte à luz da teologia do Batismo, a qual faz alusão à passagem realizada na vida do cristão, desde a morte do pecado à vida nova na Santíssima Trindade⁵⁴. Precisamente para o Cristianismo é impossível reportar-se à morte sem fazer referência à realidade oriunda da configuração do ser humano ao Pantocrator, Vencedor

⁵⁰ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptor hominis*, 1. Neste enunciado da comunhão plena entre Deus e o homem através de Cristo, tema vastamente presente na teologia de S. João Paulo II, evidencia-se a relação que o teólogo polonês realizava entre teocentrismo e antropocentrismo. Na Carta Encíclica *Dives in misericórdia*, 1 afirmou: “enquanto as várias correntes do pensamento humano, do passado e do presente, têm sido e continuam sendo marcadas pela tendência para separar e até mesmo para contrapor o teocentrismo e o antropocentrismo, a Igreja, seguindo a Cristo, procura, ao contrário, uni-los conjuntamente na história do homem, de maneira orgânica e profunda. Isso é também um dos princípios fundamentais, e talvez o mais importante, do magistério do último Concílio. Assim, na fase atual da história da Igreja, se nos propomos como tarefa proeminente atuar a doutrina do grande Concílio, devemos procurar ater-nos precisamente a este princípio, com fé, com o espírito e o coração aberto”.

Cf. CCE 1010.

⁵¹ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum concilium*, 9.

⁵² RATZINGER, J. MESSORI, V. *Relatório sobre a fé*. Tubarão: Editora Escola Ratzinger, 2021, p. 58.

⁵⁴ Cabe lembrar que já no séc. V d.C., graças ao ensinamento doutrinário e litúrgico dos Padres da Igreja – S. Cirilo de Jerusalém, S. João Crisóstomo, Santo Ambrósio, Santo Agostinho e Teodoro de Mopsuéstia –, a liturgia batismal aparece consolidada apontando toda a praxe sacramental por meio da qual o catecúmeno rompia com o pecado e as seduções de Satanás, entrando numa nova relação, de comunhão com a Santíssima Trindade através da fé e como membro do povo da Nova Aliança. Cf. HAMMAN A. *O batismo nos Padres*, em: DICIONÁRIO PATRÍSTICO DE ANTIGUIDADES CRISTÃS. São Paulo: Vozes e Paulus, 2022, p. 218.

do pecado e da morte, o qual libertou toda a humanidade do poder de Satanás: “todo o processo da morte, se o aceitarmos na fé, é o nosso sermos batizados realmente, que apenas no leito da morte chega ao fim: estarmos à sombra de Cristo e, portanto, da vida de Cristo”⁵⁵.

Assim, como afirmava São Paulo “se com Cristo morremos, temos fé que também viveremos com Ele” (Rm 6,8). A Eucaristia é o penhor desta participação única na Vida de Cristo, de modo tal que, quem se alimenta do Filho de Deus na Eucaristia não precisa aguardar o além para receber a vida eterna, mas já a possui na vida presente como primícias da plenitude futura, “que envolverá o homem na sua totalidade. De fato, na Eucaristia recebemos a garantia também da ressurreição do corpo no fim do mundo: ‘Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e Eu ressuscitá-lo-ei no último dia’ (Jo 6,54)”⁵⁶.

A Bem-aventurança eterna denominada de Céu ou Vida Eterna surge como uma realidade consequente e preeminentemente anunciada pelo Cristianismo. A novidade para todas as épocas trazida pelo anúncio da Boa-Nova em Jesus Cristo evidencia a nova criação como plenitude, como realização máxima do ser humano com Cristo em Deus, de modo que o próprio anúncio de Jesus é anúncio da vida, ou melhor, “Ele mesmo é a ‘vida eterna que estava no Pai e que nos foi manifestada’ (1Jo 1,2). Esta mesma vida, graças ao dom do Espírito, foi comunicada ao homem. Orientada para a vida em plenitude – a ‘vida eterna’ —, também a vida terrena de cada um adquire o seu sentido pleno”⁵⁷. Foi justamente o Cristianismo que enunciou a primazia do céu sobre o inferno, suscitando no homem o desejo pela felicidade eterna, muito mais forte do que o temor perante a morte⁵⁸.

⁵⁵ RATZINGER, J. *Dogma e anúncio*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 247.

⁵⁶ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharystia*, 18.

⁵⁷ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Evangelium vitae*, 80.

⁵⁸ Afirma Jacques Le Goff que as civilizações antigas – babilônios, egípcios, judeus, gregos, romanos e bárbaros pagãos – haviam temido as profundezas da terra muito mais do que almejado os celestes infinitos. O Cristianismo, porém, desde os primeiros séculos até a barbarização medieval, conduziu a sociedade em direção ao Céu. Na fé cristã, pois, não é o medo o princípio motor, e sim a esperança da Vida Eterna. Cf. Le GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 11.

São João Paulo II, já em sua primeira encíclica exaltou esta nova e única realidade em Cristo da seguinte forma:

Redentor do mundo! Nele se revelou de um modo novo, de maneira admirável, aquela verdade fundamental referente à criação que o livro de Gênesis atesta quando repete mais de uma vez: Deus viu que as coisas eram boas. (...) Em Jesus Cristo, o mundo visível, criado por Deus para o homem – aquele mundo que, entrando nele o pecado, foi submetido à caducidade – readquire novamente o vínculo originário com a mesma fonte divina da Sabedoria e do Amor⁵⁹.

Justamente neste contexto de configuração à Morte e Ressurreição de Cristo pelo Batismo, consideramos que, sem Cristo, o homem permanece para si mesmo um mistério⁶⁰. O ser humano deseja Deus e tão somente n'Ele pode encontrar o repouso almejado, visto que porta em si uma *inquietação criativa* na qual bate e pulsa aquilo que é mais profundamente humano, a saber, a busca da verdade, a insaciável necessidade do bem, a fome da liberdade, a nostalgia do belo e a voz da consciência⁶¹. “Assim, o que o homem é e deve fazer, manifesta-se no momento em que Deus se revela a si próprio”⁶².

Cristianismo e Boa-nova são sinônimos⁶³, pois a fé cristã enuncia Jesus de Nazaré como Cristo, o ser exemplar – “o único que pode responder na plenitude da verdade, em toda a situação e nas mais diversas circunstâncias”⁶⁴. Como muda a nossa abordagem da vida inteira e, nela, a realidade da morte ao pensarmos Cristo como o “último homem” (ἔσχατος Ἰησοῦς – cf. 1Cor 14,45), isto é, o homem definitivo, que leva a humanidade toda ao seu futuro, o qual consiste não somente em ser homem, e sim um com Deus. Dessa forma, excedemos o campo da exceção ontológica para

⁵⁹ JOÃO PAULO II. *Encíclica Redemptor hominis*, 8.

⁶⁰ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição pastoral Gaudium et spes*, 22; cf. JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Redemptor hominis*, 10.

⁶¹ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Redemptor hominis*, 18.

⁶² Cf. JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Veritatis splendor*, 11.

⁶³ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Redemptor hominis*, 10.

⁶⁴ JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Veritatis splendor*, 117.

considerarmos que Cristo, justamente como ser terminante e exemplar – melhor tradução de *eschatos* segundo J. Ratzinger –, ultrapassa o limite do ser humano e o leva à sua plena realização, visto que o homem tanto mais está em si mesmo quanto mais sair de si mesmo⁶⁵.

Tendo em vista que o Batismo, entre todos os sacramentos, é que abre o caminho que faz a humanidade subir ao repouso do céu, a morte como um todo já não é mais a mesma: ela foi incorporada no processo de dinâmica salvífica realizada por Cristo, atestada pela ação do Espírito Santo e que nos conduz à glória do Pai⁶⁶. Para São João Paulo II, o que se nos apresenta é justamente a promessa da Vida Eterna.

Em Jesus Cristo crucificado, deposto no sepulcro e depois ressuscitado, 'brilha para nós a esperança da feliz ressurreição... a promessa da imortalidade futura', em direção à qual o homem caminha, através da morte do corpo, partilhando com tudo o que é criado e visível esta necessidade que está sujeita à matéria. Nós tentamos cada vez mais aprofundar esta linguagem que o redentor do homem encerrou na frase: 'O espírito é que vivifica, a carne para nada serve'⁶⁷.

Sendo assim, a dignidade única da vida do homem não está relacionada somente ao fato de ele provir de Deus, mas também se refere a seu fim, ou seja, ao chamado de destino de comunhão com o Criador através do conhecimento e no amor d'Ele. O Cristianismo anuncia que esta comunhão de amor é qual "princípio de uma vida nova que não fenece nem passa, mas dura para a vida eterna"⁶⁸; é fonte de realização plena para o homem em

⁶⁵ Essa verdade de cunho personalista, levada a cabo por Jesus Cristo, o "último homem", necessariamente aplica-se num nível mais profundo e essencial, uma vez que o homem está destinado, em última análise, a Deus: é Ele o verdadeiro outro ao qual o homem é chamado a sair de si mesmo para se realizar. Cf. RATZINGER J. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 174-175.

⁶⁶ Santo Tomás de Aquino afirmava "Et iterum in ordine ad caelestem gloriam, quae est universalis finis sacramentorum, cum subdit: as supercaelestis quietis anagogen nostrum iter faciens" (em relação à glória celeste, que é a finalidade de todos os sacramentos, acrescenta que o batismo abre o caminho que nos faz subir ao repouso do céu). D'AQUINO T. *Summa Theologica*, IX, III, q. 66, a. 1. Cf. *Ibidem*, 18.

⁶⁷ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptor hominis*, 18.

⁶⁸ *Ibidem*.

Cristo, no qual abandona-se a Deus numa confiança filial, consciente de que, como criatura, não é ele o critério e a norma de si mesmo⁶⁹.

CONCLUSÃO

Adotamos, no presente artigo, como referência a teologia do Sumo Pontífice originário de Wadowice, reflexo da riqueza do pensamento teológico desenvolvido após o Vaticano II. No conteúdo abordado, múltiplas vezes transparece o pensamento personalista⁷⁰, que evidencia o Cristianismo como um encontro com a Pessoa de Cristo, fonte de Vida Eterna. Assim, a relação com Deus vivenciada no amor de Cristo dá a certeza de que até mesmo o sofrimento e a morte têm um sentido, podendo se tornar ambos acontecimentos de salvação, não obstante perdure o mistério que os envolve. Poder-se-ia resumir a abordagem de S. João Paulo II acerca da morte e da Vida Eterna que permeia sua teologia com o seguinte fragmento da Carta Encíclica *Evangelium vitae*, a qual apresenta o centro do Evangelho:

Trata-se em primeiro lugar de anunciar o núcleo deste Evangelho: é o anúncio de um Deus vivo e solidário, que nos chama a uma profunda comunhão Consigo e nos abre à esperança segura da vida eterna; é a afirmação do laço indivisível que existe entre a pessoa, a sua vida e a própria corporeidade; é a apresentação da vida humana como vida de relação, dom de Deus, fruto e sinal do seu amor; é a proclamação da extraordinária relação de Jesus com todo o homem, que permite reconhecer o rosto de Cristo em cada rosto humano; é a indicação do 'dom sincero de si' como tarefa e lugar de plena realização da própria liberdade⁷¹.

Transparece na teologia de São João Paulo II que a resposta decisiva

⁶⁹ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Evangelium vitae*, 38 e 64.

⁷⁰ Cf. SKRZYPCZAK R. *Pomiędzy Chrystusem a antychrystem*. Cracóvia: Wydawnictwo WAM, 2010, p. 59-61.

⁷¹ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Evangelium vitae*, 81.

às interrogações do ser humano é dada por Jesus Cristo⁷². Esta perspectiva cristocêntrica se aplica também em relação à morte: tão somente Jesus Cristo, o Redentor de toda a humanidade, ilumina plenamente a vida presente pela certeza da Sua Vitória sobre a morte, realizando a ânsia do homem, que, por natureza, busca a verdade e é chamado à plenitude de vida, que se estende muito para além das dimensões da sua existência terrena, visto que consiste na participação da própria vida de Deus⁷³. Assim, todo homem que queira compreender a sua existência

*deve, com a sua inquietude, incerteza e também fraqueza e pecaminosidade, com a sua vida e com a sua morte, aproximar-se de Cristo. Deve, por assim dizer, entrar n'Ele com tudo o que é em si mesmo, deve 'apropriar-se' e assimilar toda a realidade da Encarnação e da Redenção, para se encontrar a si mesmo*⁷⁴.

A repugnância natural da morte e o germe de esperança na imortalidade presentes no homem são iluminados e levados à plenitude pela fé cristã, que se realiza pela promessa e participação na vitória de Cristo Ressuscitado: trata-se da vitória d'Aquele que, de maneira única por meio de sua morte redentora, libertou o homem da morte, "salário do pecado" (Rm 6,23), e lhe conferiu o Espírito Santo, penhor de ressurreição e de vida (cf. Rm 8,11). Desse modo, certeza da imortalidade futura e a *esperança na ressurreição prometida* projetam uma luz nova sobre o mistério do sofrimento e da morte e infundem no crente uma força extraordinária para se abandonar ao desígnio de Deus⁷⁵.

A missão por Deus confiada à Igreja faz com que ela, Povo de Deus no meio das nações, permaneça atenta aos novos desafios da história e à busca tantas vezes inconsciente que o ser humano faz do sentido da vida,

⁷² Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Veritatis splendor*, 1-2.

⁷³ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Evangelium vitae*, 2; *Carta Encíclica Fides et ratio*, 33; CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei verbum*, 2.

⁷⁴ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptor hominis*, 10.

⁷⁵ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Evangelium vitae*, 67.

oferecendo a todos a resposta que provém da verdade de Jesus Cristo e do seu Evangelho. Dentre os vários serviços que a Igreja, Sacramento de Salvação, deve oferecer à humanidade há um cuja responsabilidade lhe cabe de maneira absolutamente peculiar: é a *diaconia da verdade*⁷⁶. Na Igreja, permanece sempre viva a consciência desse dever de investigar constantemente os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz da Boa-Nova do Evangelho, para que assim se possa responder, de modo adaptado aos dias atuais, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura e da relação entre ambas⁷⁷.

Assim sendo, a vida presente, marcada de maneira única pela morte, se realiza por meio dum processo que, muito além de qualquer merecimento e também expectativa, é tão somente esclarecido pela promessa e renovado pelo dom da vida divina, que alcançará o seu cumprimento na eternidade (cf. 1Jo 3,1-2). Aqui se evidencia o aspecto relativo de nossa vida terrena, o qual São João Paulo II sublinhava ao afirmar que *esta vida não é realidade "última", mas "penúltima"*, ainda que seja uma *realidade sagrada* que nos foi confiada responsavelmente para ser levada à perfeição no amor pelo dom de nós mesmos a Deus e ao próximo⁷⁸.

Juntamente a São Paulo o anúncio cristão indica a possibilidade de configuração plena com a Santíssima Trindade, de modo que "nenhum de nós vive para si mesmo, e nenhum de nós morre para si mesmo. Se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor" (Rm 14,7-8). Desse modo, *morrer para o Senhor* significa viver a própria morte como gesto supremo de obediência ao Pai (cf. Fl 2,8), aceitando a morte como *a intrusa necessária* no momento e local escolhidos por Ele (cf. Jo 13,1). Também *viver para o Senhor* significa reconhecer que o sofrimento, embora permaneça em si mesmo

⁷⁶ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et ratio*, 23; cf. também BERNSTEIN C.; POLITI M. *Sua Santidade João Paulo II e a História Oculta de Nosso Tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996, p. 112-13.

⁷⁷ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Veritatis splendor*, 2; cf. também CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et spes*, 4.

⁷⁸ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Evangelium vitae*, 2.

um mal e uma prova, sempre pode se tornar fonte de bem quando é vivido por amor, na participação, por dom gratuito de Deus e como um ato de livre opção pessoal, no próprio sofrimento de Cristo crucificado. São João Paulo II, testemunha duma vida também marcada de sofrimentos, afirmava o caráter de coparticipação nos sofrimentos de Cristo; ensinava que quem vive o seu sofrimento no Senhor fica mais plenamente configurado com Ele (cf. Fl 3,10; 1Pd 2,21) e intimamente associado à sua obra redentora a favor da Igreja e da humanidade⁷⁹.

A reflexão cristã sobre a morte evidencia o valor incomparável da vida humana justamente devido à sua dignidade transcendental, oriunda do fato de o ser humano ter sido criado à imagem e semelhança de Deus e ter sido redimido em Cristo e com Cristo. Hoje, este anúncio, iluminado pela vitória da morte, torna-se particularmente urgente pelo aumento e agravamento das mais diversas ameaças à vida do ser humano, sobretudo quando ela é débil e indefesa. Diante de tantos sinais de morte, tais quais as antigas e dolorosas chagas da miséria, da fome, das epidemias, da violência e das guerras, à luz da fé em Cristo podemos anunciar que a morte não é a última palavra. Assim, a vida física e espiritual do homem, mesmo na sua fase terrena e marcada pelo sofrimento, *peso inevitável da existência humana*⁸⁰, adquire plenitude de valor e significado: de fato, a vida divina e eterna é o fim ao qual está chamado cada homem que vive neste mundo. Assim, o *Evangelho da vida* encerra tudo aquilo que a própria experiência e a razão humana dizem acerca do valor da vida humana.

⁷⁹ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Evangelium vitae*, 67.

⁸⁰ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Evangelium vitae*, 23.

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, T. *Summa Theologica*, IX, III, q. 66, a. 1.

BALTHASAR, H. U. *Escatologia nel nostro tempo*. Brescia: Queriniana, 2005.

BENTO XVI, Papa. *Carta Encíclica Spe salvi*; _____. “*Stawato się dla mnie coraz bardziej oczywiste, że Jan Paweł II był świętym*”, em: NIEZAPOMNIANY, JAN PAWEŁ II WE WSPOMNIENIACH PRZYJACIÓŁ I WSPÓŁPRACOWNIKÓW. Cracóvia: Dom Rodzinny Jana Pawła II, 2015.

BERNSTEIN, C. POLITI M. *Sua Santidade João Paulo II e a História Oculta de Nosso Tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

BURGOS, J. M. *Antropología: una guía para la existencia*. Madrid: Palabra, 2008.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Brasília-DF: Ed. CNBB, 2013.

CHESTERTON, G. K. *Quando eu morrer: a vida após a morte*, em: *Communio*, Vol. XXVIII, nr 3. Rio de Janeiro: Communio 2009.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei verbum*.

_____. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*.

_____. *Constituição Pastoral Gaudium et spes*.

_____. *Constituição Sacrosanctum Concilium*.

FRANCISCO. Papa, *Exortação Apostólica Evangelii gaudium*.

HAMMAN. A, *O batismo nos Padres*, em: DICIONÁRIO PATRÍSTICO DE ANTIGÜIDADES CRISTÃS. São Paulo, Ed. Vozes e Paulus, 2022.

JOÃO PAULO II. Papa, *Carta Encíclica Centesimus annus*.

_____. *Carta Encíclica Dives in misericordia*.

_____. *Carta Encíclica Dominum et vivificantem*.

_____. *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharystia*.

_____. *Carta Encíclica Evangelium vitae*.

_____. *Carta Encíclica Fides et ratio*.

_____. *Carta Encíclica Laborem exercens.*

_____. *Carta Encíclica Redemptor hominis.*

_____. *Carta Encíclica Redemptoris mater.*

_____. *Carta Encíclica Redemptoris missio.*

_____. *Carta Encíclica Slavorum apostoli.*

_____. *Carta Encíclica Sollicitudo rei socialis.*

_____. *Carta Encíclica Ut unum sint.*

_____. *Carta Encíclica Veritatis splendor.*

LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. Petrópolis: Vozes, 2017.

MONDIN, B. *Morte*, em: DIZIONARIO ENCICLOPEDICO DEL PENSIERO DI SAN TOMMASO D'AQUINO. bologna edizioni studio Domenicano, 2000.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *O que é o homem?* Brasília-DF: Ed. CNBB, 2022.

RATZINGER, J. *Dogma e anúncio*. São Paulo: Ed. Loyola, 2007, p. 239.

_____. *Escatologia, morte e vida eterna*. Assis: Cittadella Editrice, 2007.

_____. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005.

RATZINGER, J. MESSORI, V. *Relatório sobre a fé*. Tubarão: Editora Escola Ratzinger, 2021.

SKRZYPCZAK, R. *Karol Wojtyła na Soborze Watykańskim II*. Varsóvia: Centrum Myśli Jana Pawła II, 2011.

_____. *Nie umrzeć za życia*. Cracóvia: Dom Wydawniczy "Rafael", 2021.

_____. *Pomiędzy Chrystusem a antychrystem*. Cracóvia: Wydawnictwo WAM, 2010.

_____. *Wiara i seks Jan Paweł II o małżeństwie i rodzinie*. Cracóvia: Wydawnictwo AA, 2015.